

**A (re)escrita de contos maravilhosos como proposta de produção textual no 6º ano de uma escola estadual do Município de Uberaba/MG <sup>1</sup>**

***The (re) writing of wonderful tales as a proposal of textual production in the 6th year of a state school of municipality of Uberaba / MG***

Nayara Cristina de Sene Souza <sup>2</sup>

**Recebido em:** 05/02/2020

**Aprovado em:** 20/05/2020

**Publicado em:** 02/06/2020

**Resumo:**

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise das produções textuais desenvolvidas com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II em uma escola estadual do município de Uberaba/MG. O propósito da atividade foi conduzir os alunos à produção de textos narrativos a partir da (re)leitura e (re)interpretação de contos maravilhosos como, “Branca de Neve”, de Jacob Grimm, “Cinderela” e “Bela Adormecida”, de Charles Perrault, “João e Maria”, de Wilhelm Grimm e “Os três porquinhos”, de Joseph Jacobs. O trabalho consistiu na leitura e interpretação dos contos maravilhosos originais e na produção textual de versões modernas. A sequência de atividades propostas conduziu os alunos a ultrapassar a primeira leitura dos textos, que é a fase de apreciação, a questioná-la e a contrapor as ideias, observando as diferentes adaptações e podendo produzir outra versão para as mesmas histórias. Rildo Cosson defende que “a prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana.” (2014, p.16). Através da leitura de textos literários como os contos maravilhosos, aprendemos com as experiências narradas por outros, assim, o aluno usa a linguagem de seu modo, tornando-se sujeito da escrita à medida que expressa o mundo por si mesmo e formando-se ao mesmo tempo leitor e escritor/ produtor do que aprende através das próprias experiências e das experiências de outros. A escolha do gênero conto maravilhoso se deu porque, além de se tratar de textos mais curtos, a temática desse tipo de literatura costuma, segundo nossa experiência docente, despertar enorme interesse dos alunos.

**Palavras-chaves:** Contos Maravilhosos; Leitura; Produção Textual.

**Abstract:**

This work aims to present an analysis of textual productions developed with students of the 6th year of Elementary School II in a state school in the city of Uberaba / MG. The purpose of the activity was to lead students to the production of narrative texts from the (re)reading and (re)interpretation of wonderful tales such as "Snow White", by Jacob Grimm, "Cinderella" and "Sleeping Beauty", by Charles Perrault, "João e Maria", by Wilhelm Grimm and "The three little pigs", by Joseph Jacobs. The work consisted of reading and interpreting the wonderful original tales and producing textual versions of modern versions. The sequence of proposed activities led the students to go beyond the first reading of the texts, which is the appreciation phase, to question it and counter the ideas, observing the different adaptations and being able to produce another version for the same stories. Rildo Cosson argues that “the practice of literature, whether by reading or by writing, consists exactly in an exploration of the potentialities of language, words and writing, which is unparalleled in other human activities.” (2014, p.16). Through reading literary texts like wonderful tales, we learn from the experiences narrated by others, thus, the student uses language in his own way, becoming a subject of writing as he expresses the world for himself and forming himself at the same time reader and writer / producer of what he learns through his own experiences and the experiences of others. The choice of the wonderful short story genre was given because, in addition to being shorter texts, the theme of this type of literature usually, according to our teaching experience, arouse enormous interest from students.

**Keywords:** Wonderful Tales; Reading; Text Production.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado à disciplina Texto e Ensino da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM.

<sup>2</sup> Mestranda do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM. <https://orcid.org/0000-0002-4554-5843>. E-mail: [nayarasene@yahoo.com.br](mailto:nayarasene@yahoo.com.br)

**SOUZA, N. C. S. ;**

## **Introdução**

Nas aulas de Língua Portuguesa, devemos fomentar a leitura de textos com valor estético, respeitando o desenvolvimento linguístico e cognitivo dos alunos. Para tanto, é necessário apresentar-lhes textos em que haja densidade semântica, originalidade no uso da língua, inovações na forma e diferentes representações de mundo (SILVA, 2010) para que, assim, possam, por meio dessas leituras e da bagagem cultural que têm, tornarem-se autores de seus próprios textos.

Como base nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo apresentar uma análise das produções textuais desenvolvidas alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II em uma escola estadual do município de Uberaba/MG. O propósito da atividade foi conduzir os alunos à produção de textos narrativos a partir da (re)leitura e (re)interpretação de contos maravilhosos como, “Branca de Neve”, de Jacob Grimm, “Cinderela” e “Bela Adormecida”, de Charles Perrault, “João e Maria”, de Wilhelm Grimm e “Os três porquinhos”, de Joseph Jacobs. O trabalho consistiu na leitura e interpretação dos contos maravilhosos originais e na produção textual de versões modernas. Os processos de correção e reescrita dos textos não foram o foco da pesquisa.

A escolha do gênero conto maravilhoso se deu porque, além de se tratar de textos curtos, a temática desse tipo de literatura costuma, segundo nossa experiência docente, despertar enorme interesse dos alunos.

A sequência de atividades propostas conduziu os alunos a ultrapassar a primeira leitura dos textos, que é a fase de apreciação, a questioná-la e a contrapor as ideias, observando as diferentes adaptações e podendo produzir outra versão para as mesmas histórias. Rildo Cosson defende que “a prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana.” (2014, p.16). Através da leitura de textos literários como os contos maravilhosos, aprendemos com as experiências narradas por outros, assim, o aluno usa a linguagem de seu modo, tornando-se sujeito da escrita à medida que expressa o mundo por si mesmo e formando-se ao mesmo tempo leitor e escritor/produtor do que aprende através das próprias experiências e das experiências de outros.

**SOUZA, N. C. S. ;**

Como o texto é uma forma de concretização do discurso, para produzi-lo ou compreendê-lo, é necessário considerar as suas condições de produção, que envolvem não só a situação imediata (quem fala, a quem o texto é dirigido, quando e onde se produz ou foi produzido), mas também uma situação mais ampla em que essa produção ocorre, como valores e crenças que os interlocutores carregam, aspectos sociais, históricos, políticos e as relações de poder que determinam essa produção. É necessário, além dos conhecimentos linguísticos (vocabulário, gramática da língua) também os conhecimentos extralinguísticos (conhecimento de mundo, históricos, culturais e ideológicos) de que trata o texto.

### **Fundamentação Teórica**

Atualmente, associamos os contos maravilhosos com a literatura infantil, mas foram originalmente destinados para um público misto de adultos e crianças. São narrativas em que apresentam seres encantados e elementos mágicos pertencentes a um mundo imaginário, maravilhoso. Esses contos têm quase sempre uma estrutura simples e fixa. Possui uma característica marcante na sua fórmula inicial: “Era uma vez...” e no seu final: “...foram felizes para sempre”.

Há neles uma ordem na sequência narrativa, ou seja, uma situação inicial, uma ordem perturbadora, quando a situação de equilíbrio inicial se desestabiliza, gerando uma série de conflitos que só se interrompem com o aparecimento de uma força maior que reestabelece a ordem. Geralmente, há personagens do bem e do mal, e a vitória, apesar do sofrimento, sempre é do personagem do bem. O “Era uma vez...” nos remete ao passado e serve de passaporte do mundo real para um mundo irreal, mundo da fantasia. (GAGLIARDI e AMARAL, 2001).

Ao longo das narrativas, as indicações da natureza são limitadas e vagas, o que não permite determinar com rigor a duração de ação ou localização num contexto histórico preciso. O mesmo ocorre relativamente com espaço: um palácio, uma casa, uma floresta. Tais características permitem aos contos um caráter atemporal e universal, concedendo a eles uma reatualização permanente, pois podem acontecer em qualquer lugar e tempo. São textos carregados de simbologia: “rosa: símbolo do amor; beijo:

**SOUZA, N. C. S. ;**

desperta e faz renascer; lobo mal: algo ou pessoa que, de repente, quer fazer o mal a alguém”. (GAGLIARDI e AMARAL, 2001).

Antunes defende que “o texto se constrói a partir de um tema, de um tópico, de uma ideia central, ou de um núcleo semântico”. (2011, p.32). Dessa forma, se o conto como forma literária, tal como o conhecemos hoje, é um prolongamento ou ramificação das antigas narrativas da tradição oral, o certo é que se revestiu de tantas e tais roupagens artísticas, que apresenta, hoje, feição própria bastante característica.

De acordo com Ciulla, ocorre um processo referencial quando:

Para um leitor que não conhece a obra anterior, as expressões que aparecem pela primeira vez no texto que está sendo lido são, a princípio, casos de introdução referencial. Porém, se o leitor conhece o texto anterior e identifica a referência ao outro texto, que é convocado através de uma ou mais expressões nominais, tais expressões mudam de status e passam a pertencer a um tipo de processo referencial, ou seja, passa a ser uma anáfora que supõe um conhecimento compartilhado, em que as informações que se tinha do outro texto influenciam na categorização dos objetos que são, então, rerepresentados. (CIULLA, 2008, p. 154).

O processo de reconhecimento e de identificação dos contos maravilhosos nas produções textuais dos alunos é, portanto, um exemplo de intertextualidade e polifonia.

As análises dos textos foram feitas também a partir do conceito de textualidade, fundamentado por Antunes (2011, p. 27), que diz que para compreender o texto como objeto de ensino-aprendizagem, deve-se entender o conceito de textualidade como sendo “a característica estrutural das atividades sociocomunicativas”, pois o enunciado possui a função comunicativa e apresenta, portanto, característica da textualidade.

Beaugrande e Dressler (1981), apud Antunes (2011, p. 33), definem os critérios de textualidade: a coesão, ligada a aspectos gramaticais e lexicais, responsável pela fruição do texto, o encadeamento dos aspectos internos; a coerência está presente além dos fatores linguísticos do texto, decorre da lógica intra e extralinguística; a intencionalidade está centrada em quem produz o texto, a intenção do autor é relevante para compor a textualidade; a aceitabilidade, centrada no receptor, ouvinte/leitor do texto, que o aceita como pertinente e interpretável ou não; a informatividade se liga ao imprevisível, a formas de sanar dúvidas, ao que o texto quer informar e o que é possível extrair dele; a intertextualidade é a relação entre o texto e outros textos; a situacionalidade é a

**SOUZA, N. C. S. ;**

característica de estar adequado ou não a uma situação, levando em consideração o contexto sociocultural.

Assim, não se considera o texto pela estrutura do gênero, mas se assume a textualidade como sendo “o princípio que manifesta e regula as atividades de linguagem”. (ANTUNES, 2011. p. 30).

### **Análise dos Dados**

Na nossa proposta, pedimos aos alunos que fizessem uma (re)leitura e (re) interpretação com os elementos presentes em contos maravilhosos como “Branca de Neve”, de Jacob Grimm, “Cinderela” e “Bela Adormecida”, de Charles Perrault, “João e Maria”, de Wilhelm Grimm e “Os três porquinhos”, de Joseph Jacobs, no momento em que fossem criar os elementos da narrativa: narrador, personagens, cenário e tempo. O conto é uma narrativa curta, portanto, deve ser planejada cuidadosamente a articulação desses elementos no texto. O aluno poderia escolher o conto que lhe chamasse mais a atenção para realizar a leitura, a interpretação e desenvolver a proposta de produção textual solicitada.

A narrativa deve apresentar uma ordem que será desequilibrada através de um conflito cujo desenvolvimento e solução serão o foco da história narrada. Devemos considerar que o conto maravilhoso trabalha com imagens que permitem ao leitor criar representações do que está sendo contado, portanto, deve-se deixar espaço para que o aluno/leitor preencha lacunas dentro do texto através de pistas criadas com imagens significativas.

Também quanto ao grau de formalidade da linguagem, devemos considerar que as regras de prestígio podem ser desrespeitadas quando há necessidade de caracterização da personagem por meio do seu modo de falar, o que demonstra maturidade do aluno e enriquece seu texto.

Quanto à coerência, devemos considerar, muitas vezes, que fatos irrealis pareçam possíveis, uma vez que as narrativas ficcionais lançam mão da verossimilhança, desde que tais aspectos sejam respeitados ao longo do texto.

SOUZA, N. C. S. ;

Nas palavras de Marcuschi, “não existe um uso significativo da língua fora das inter-relações pessoais e sociais”. (2008, p. 23). Assim, parafraseando Antunes (2011), um texto não é o resultado apenas de elementos linguísticos, por isso faz-se necessário que o aluno tenha a capacidade de atuar por meio de diferentes discursos, em diferentes práticas sociais e de obter, com esses discursos, os fins a que se propõe.

Passaremos, então, à análise dos *corpus* selecionados para o presente trabalho:

### TEXTO 1

Empoderada e adormecida

**Era uma vez, uma princesa bela e rebelde chamada Aurora. Ela era autêntica e sabia que não precisaria do príncipe encantado para alcançar a felicidade.** Sendo assim, ao saber do feitiço que lhe fora lançado, estava consciente de que precisaria de outro método para se livrar da maldição.

Quando restavam três dias para completar 16 anos e, assim, o feitiço se realizar, decidiu então que era hora de começar a agir. Evocou sua fada guardiã e programaram a roda de fiar para ter um efeito reverso quando a princesa se espetasse.

Assim que o relógio bateu 12 vezes no dia de seu aniversário, Aurora correu até a sala onde se encontrava a roda de fiar e colocou o plano em ação. Se furou na agulha fazendo com que a maldição se concebesse pela metade do feitiço estipulado pela feiticeira e a princesa conseguiria se despertar sozinha. E assim foi feito, **Aurora se libertou sozinha e conseguiu ser feliz para sempre sem o príncipe.**

No texto 1, o aluno fez uma releitura do conto “Bela adormecida”, dando ao texto o título “Empoderada e adormecida”. Inicia a produção com uma linguagem própria do gênero conto: “*Era uma vez...*”, porém a personagem Aurora, na versão moderna, é autêntica e não precisa do príncipe encantado para alcançar a felicidade. Nesse aspecto, percebe-se uma mudança no discurso ideológico do aluno, o que também ocorre no final da narrativa, quando Aurora se liberta sozinha e consegue ser “feliz para sempre” sem o príncipe. A intencionalidade foi um dos critérios de textualidade utilizado pelo aluno, uma vez que, possivelmente, pretendeu destacar a mudança do espaço social ocupado pela mulher, “empoderada” e independente.

No texto 2, há a releitura de “Os três porquinhos”. O interessante é que o aluno modifica a condição dos três porquinhos, que antes eram as vítimas do lobo mau na

SOUZA, N. C. S. ;

versão do conto maravilhoso, agora são procurados por esse lobo, que representa a figura de Fiscal da Receita Federal e os porquinhos são os sonegadores de impostos.

TEXTO 2

Os três porquinhos sonhadores e o Lobo agente da Receita Federal

**Era uma vez três porquinhos que não pagavam impostos.** O porquinho Gilson não pagava imposto, já o Teobaldo pagava algumas contas, mas nunca estava com as contas em dia e o último porquinho, o Dollynho, atrasou uma conta, mas depois pagou. Dos três, ele era o que se preocupava com as contas.

**Até que um dia, chegou o lobo Agente da Receita Federal, depois de ter mandado muitas correspondências e pedido o pagamento do imposto (IPTU), teve que ir pessoalmente à casa dos porquinhos.** Chegou na casa do porquinho Gilson, bateu, chamou, gritou e ele não atendeu.

O lobo prometeu que voltaria na manhã seguinte com a polícia para fazer o despejo e assim fez. No outro dia, o porquinho Gilson estava desabrigado, então decidiu morar na casa de seu irmão Teobaldo, mas ele também não tinha pagado os impostos e o lobo agente foi na casa dele também. O lobo bateu, gritou e chamou, porém os dois porquinhos dentro da casa não atenderam, e o lobo prometeu que no dia seguinte voltaria com a polícia para fazer a ordem de despejo e assim foi feito.

No dia seguinte os dois porquinhos estavam na rua, então os dois porquinhos lembraram de seu irmão Dollynho, que como já tinha pagado seus impostos, não corria risco de ser despejado. Dollynho deu uma bronca nos dois irmãos, falou para eles darem importância e pagar seus impostos para não serem despejados novamente.

**O lobo agente da Receita Federal passa bem e continua cobrando os porquinhos sonhadores de todo o país.**

O aluno demonstra seu conhecimento extralinguístico ao citar o Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) e o não pagamento da taxa como uma forma de sonegar impostos. Há uma mudança de perspectiva em relação à figura que o lobo representa, porque também na versão do aluno ele é um perigo para os porquinhos, pois faz valer a lei e o a ordem de despejo, que culmina na perda da casa dos dois primeiros porquinhos, como na versão original do conto.



SOUZA, N. C. S. ;

No texto 3, o aluno utiliza a versão moderna do conto “A Branca de Neve”, com ênfase na rainha/madrasta, para abordar e discutir, com uma linguagem divertida e bem humorada, questões de aparências e estereótipos.

TEXTO 3

A rainha que se achava exuberante

A rainha após se olhar no espelho levou um susto ao ver aquela espinha enorme em seu rosto e disse:

- Espelho, espelho meu! Apareça, seu bruxo!

- Fala, minha majestade! O que tu queres? – disse uma figura de rosto humano que aparecia aos poucos no espelho até ficar clara e se misturando com a imagem da rainha.

- Você anda mentindo demais para mim. Seja sincero. **Há mulher mais bela do que eu?**

A figura do homem suspirou e disse:

- **Famosa é a sua beleza no Instagram**, mas você precisa melhorar, queridinha! A Branca de Neve ganha fácil, fácil de você.

- **Meu filho, não tem ninguém com estes meus olhos de gata, nem com meu sorriso de comercial de Colgate. Quem dirá com esse nariz perfeito depois de uma cirurgia plástica que me deixou com esse ar de delicadeza. E digo mais, olha só esse corpinho de Musa Fitness!** É para poucos, bebê – retrucou a rainha, se exibindo toda.

- Então por que você me chamou, já que se acha tão convencida de sua beleza? – reclamou o espelho.

A rainha gritou e bateu com as duas mãos na penteadeira que sustenta o espelho:

- **Eu quero uma solução para essa espinha já!** Ninguém desse reino será mais bonita do que eu!

Em um passe de mágica, o espelho soprou na rainha e fez a espinha dela cair.

- **Pronto, minha majestade. És a mais bela de novo.**

Na produção textual do aluno há a presença de uma rainha exuberante e preocupada com a aparência, questionando ao espelho sobre a espinha que apareceu em seu nariz (fato recorrente em adolescentes), que a deixava menos bonita do que Branca de Neve: “*Há mulher mais bela do que eu?*”

Utilizando uma linguagem coloquial, o aluno cita, ainda, a cirurgia plástica feita pela rainha para deixá-la com o nariz perfeito e dar-lhe um “ar de delicadeza”. Além disso, também como conhecimento extralinguístico e carregado de ideologias, o aluno menciona o “sorriso de comercial de Colgate” e “o corpo de musa fitness”, como elementos que garantem a beleza da rainha. É possível perceber, claramente, as influências midiáticas e das redes sociais (Instagram, mencionado no texto) e os padrões sociais impostos como ideais de beleza presentes na fala do aluno enquanto sujeito. É interessante como o aluno

SOUZA, N. C. S. ;

mantém a figura autoritária e poderosa da rainha no conto, pois no desfecho da narrativa, a vontade da personagem é o que prevalece.

No texto 4, apesar da ausência do título, o aluno recontextualiza o conto de “João e Maria”.

TEXTO 4

Era uma vez dois irmãos João e Maria. Eles eram gêmeos mas totalmente diferentes, João era um garoto esnobe, irritante, mal educado e mais ou menos inteligente, Maria era doce, umilde, educada e muito inteligente.

A única coisa que eles tinham de igual era gostar de ir na balada com os amigos. Eles tinham muito mas muito dinheiro. – **Quem dera fosse eu!**

Uma vez ao ir a balada com os amigos, algo de estranho aconteceu. Do nada, no meio da festa todas as luzes se apagaram e se acenderam novamente. Mas algo estava errado, João não estava lá, - Era até bom porque ele era muito chato! – todos ficaram preocupados e aflitos.

Só sei que procuraram o danado em todo lugar: banheiro, bar, área vip e muitos outros lugares, mas onde estava João? Chamaram a polícia e descreveram o que aconteceu. Foi uma das únicas vezes que Maria se preocupou com o irmão, pois sabia de seus rolos.

Até que resolveram ligar mais uma vez e finalmente chamou, até que ele atendeu. Maria falou com João, e ele lhe contou que teve que sair de fininho, pois era secreto. E Maria contou algo que chocou a todos, João estava namorando!

**E todos pensavam que ele era meio afeminado. Adivinha quem era o amor da vida dele?! Chapeuzinho Vermelho. Também da pra acreditar aquela garota gostava de todo mundo!**

Há a desconstrução da amizade entre os irmãos na releitura, pois o aluno/autor apresenta dois irmãos que não se dão bem e o que têm de semelhante é o gosto por baladas e o fato de terem muito dinheiro. Uma das marcas de posição do autor em relação ao que é dito é perceptível no fragmento do texto: *“A única coisa que eles tinham de igual era gostar de ir na balada com os amigos. Eles tinham muito, mas muito dinheiro. Quem dera fosse eu!”*

Na produção textual, João tinha um segredo e esse era o motivo do seu sumiço no meio da festa. O interessante é que, apesar do segredo ser o namoro de João, essa revelação surpreende a todos, pois achavam que ele era “meio afeminado”, segundo as palavras do aluno no texto. A discussão apresentada é a questão da orientação sexual de João e o fato da namorada dele ser Chapeuzinho Vermelho que, segundo o aluno, “gostava de todo mundo”.

TEXTO 5

Cinderela funkeira

**Cinderela funkeira, ou melhor Janice de Amaral era uma garota rica, mas que não gostava de música clássica e homens de terno, e sim de funk e homens da favela.**

Janice foi apelidada de Cinderela funkeira pois sonhava que um garoto da favela lhe desse um sapatinho de cristal, por isso “cinderela”, já de funkeira, pois adorava funk.

**A garota não era orgulho dos pais, mas sim a ovelha negra da família**, pois o pai sempre achou que ela deveria gostar de música clássica e homens de terno, mas ela não gostava daquilo e dizia que ele tinha que aceita-la como era.

**Um dia, Cinderela, foi até o baile funk, lá ela encontrou um garoto da favela que ofereceu um sapatinho de cristal.** Janice sonhava com aquele momento, então é claro que aceitou, assim se apaixonou pelo rapaz.

Ela pegou o número do garoto, que se chamava Davi e começou a sair com ele. **O pai da garota não gostava nada da situação, assim a jogando para fora de casa.** Janice resolveu pedir a Davi para morarem juntos, ele aceitou e logo depois os dois se casaram.

**Após vinte anos do ocorrido o pai de Janice foi até ela se desculpar, assim eles voltaram a conversar e se entender.** Janice e Davi tiveram três filhos e viveram felizes para sempre.

O texto 5 é uma releitura do conto “Cinderela” e recebe o título “Cinderela funkeira”. O aluno aborda questões sociais em seu texto, a começar pelo baile, que foi transformado em um baile funk. É evidente no texto o caráter de desprestígio social atribuído ao funk, tanto que a personagem Janice (Cinderela funkeira) tem gostos diferentes daqueles esperados pelo seu pai e, por isso, era “a ovelha negra da família”. O caráter ideológico que tem essa expressão utilizada pelo aluno representa a imagem que a personagem tinha perante sua família.

É perceptível um conhecimento extralinguístico do aluno uma vez que apresenta em seu texto as diferenças de classes sociais, uma vez que o garoto por quem Janice se apaixonou não fazia parte do universo social da personagem, portanto não era aceito pelo pai, que colocou a garota para fora de casa. Essa ação ocorre de maneira invertida na versão original do conto maravilhoso “Cinderela”, já que ela é a personagem que se apresenta em uma condição social menos privilegiada e de menor prestígio.

Para finalizar a versão moderna do conto, o aluno sinaliza uma passagem de tempo de vinte anos e o posterior entendimento entre a personagem e o pai, além do clássico e já esperado “viveram felizes para sempre.”

**SOUZA, N. C. S. ;**

Todos os textos analisados apresentaram relações intertextuais com os contos maravilhosos originais e, segundo Antunes, “a intertextualidade assume um aspecto dinâmico, na medida em que significa mais do que o simples trânsito do outro texto ou da outra voz. Quem recorre à palavra do outro, o faz ou para apoiar-se nessa palavra, ou para confirmá-la ou refutá-la”. (2011, p.37). Assim, é possível perceber claramente o modo como os alunos realizam tal trabalho dinâmico e criativo com a linguagem no mesmo sentido da perspectiva defendida por Antunes.

### **Considerações Finais**

A proposta de leitura e escrita desenvolvida no presente trabalho foi satisfatória, uma vez que os alunos se envolveram na criação de versões modernas para os contos maravilhosos clássicos e percebemos que a experiência foi significativa para eles, pois além de empregarem corretamente a estruturação composicional do gênero, buscaram a sua ressignificação na produção de novos textos.

As leituras cuidadosas dos contos maravilhosos, além da discussão acerca das temáticas abordadas, foram de extrema importância para o envolvimento de cada aluno no processo de (re)leitura e (re)interpretação através das produções textuais.

O ensino da estrutura do gênero, bem como coerência e coesão textuais, através da análise linguística e estudo dos efeitos de sentido no texto fizeram com que os alunos saíssem da abstração desses conceitos e os usassem na prática.

Todo texto é um intertexto, ou seja, segundo Antunes (2011), “todo texto contém outros textos prévios, ainda que não se tenha consciência disso.” Percebemos uma intertextualidade explícita nos textos produzidos pelos alunos e, nesse caso, esse processo intertextual assumiu um aspecto dinâmico, pois significou mais do que o simples trânsito dos outros textos ou das outras vozes presentes no contos maravilhosos que serviram de textos motivadores para as produções textuais analisadas.

As produções textuais dos alunos apresentaram coesão e coerência textuais, promovendo a continuidade do texto e o encadeamento de sentido. Além disso, mostraram-se relevantes, pois fugiram da obviedade e de ações já conhecidas por leitores dos contos maravilhosos. Apresentaram uma nova intenção de cada um dos alunos/autores, com conteúdo interpretável e significativo, além das relações entre o

SOUZA, N. C. S. ;

texto e sua inserção cultural, social e histórica, retomando os critérios de textualidade propostos por Antunes (2011): coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, intertextualidade e informatividade.

### Referências

ANTUNES, Irandé Costa. **Análises de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola, 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto: 2014.

CIULLA, A. **Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos**. 201p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

GAGLIARDI, Eliana; AMARAL, Heloisa. **Contos de Fadas: Trabalhando com os gêneros do discurso narrar**. São Paulo: FTD, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

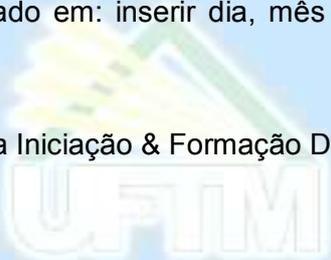
SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. **As humanidades, os estudos culturais, o ensino da literatura e a política da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2010.

### Como citar este artigo (ABNT)

SOUZA, N. C. S. A (re)escrita de contos maravilhosos como proposta de produção textual no 6º ano de uma escola estadual do Município de Uberaba/MG. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. X, n. X, p. XXX-XXX, 2020. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

### Como citar este artigo (APA)

SOUZA, N. C. S. (2020). A (re)escrita de contos maravilhosos como proposta de produção textual no 6º ano de uma escola estadual do Município de Uberaba/MG Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.



SOUZA, N. C. S. ;

ANEXOS

Texto 1

Empedrada e adormecida

1	Era uma vez, uma princesa bela e rebelde chamada
2	Aurora. Ela era autêntica e sabia que não precisaria
3	do príncipe encantado para alcançar a felicidade. Desde
4	assim, ao saber do feitiço que lhe fora lançado, estava
5	consciente de que precisaria de outros métodos para se
6	livrar da maldição.
7	Quando restavam três dias para completar 16 anos
8	e, assim, o feitiço se realizaria, decidiu então que era hora
9	de começar a agir. Encomendou sua fada guardiã e programaram
10	a roda de fiar para ter um efeito reverso quando
11	a princesa se espantasse.
12	Assim que o relógio bateu 12 vezes no dia de seu
13	aniversário, Aurora correu até a sala onde se encontrava
14	a roda de fiar e colocou o plano em ação. Se fuzou na
15	agulha fazendo com que a maldição se cancelasse pela
16	metade do feitiço estipulado pela feiticeira e a princesa
17	conseguiu se despertar sozinha. E assim foi feita, Aurora
18	se libertou sozinha e conseguiu ser feliz para sempre
19	sem o príncipe.
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Os três perquinhos cobradores e o lobo agente do Receita Federal.

1	Era uma vez três perquinhos que não pagavam im-
2	postos. O perquinho Gilson não pagava nenhum imposto, já o
3	perquinho Tebalto pagava algumas centos, mas nunca estava
4	com as contas em dia e o último perquinho, o Dallynho, atrasava u-
5	na conta mas depois pagava. Os três ele era o que se preocupava
6	com as contas.
7	Aí que um dia, chegou o lobo Agente do Receita Federal,
8	depois de ter mandado muitas correspondências pedindo o pagamento
9	do imposto (IPTU), teve que ir pessoalmente à casa dos perquinhos.
10	Chegou na casa do perquinho Gilson, bateu, chamou, gritou e ele
11	não atendeu.
12	O lobo prometeu que voltaria na manhã seguinte com
13	a polícia para fazer o despejo e assunção. No outro dia, o per-
14	quinho Gilson estava desbragado, então decidiu entrar na casa
15	de seu irmão Tebalto, mas ele também não tinha pagado
16	os impostos e o lobo agente foi no caso dele também. O lobo ba-
17	teu, gritou e chamou porém os dois perquinhos dentro da casa
18	não atenderam, e o lobo prometeu que no dia seguinte vol-
19	taria com a polícia para fazer a ordem de despejo, e assim foi fi-
20	to.
21	No dia seguinte os dois perquinhos estavam na rua,
22	então os dois perquinhos lembraram de seu irmão Dallynho,
23	que como já tinha pagado seus impostos, não corria risco de
24	ser despejado. Dallynho é de uma branca mas dois irmãos,
25	plau para ele dar um impetição e pagar sua impostos para
26	não serem despejados novamente.
27	O lobo agente do Receita Federal passou bem e continua
28	celebrando os perquinhos cobradores de todo o país.
29	
30	



SOUZA, N. C. S. ;

Texto 3

A rainha que se achava excelsa

1 A rainha após se olhar no espelho levou um  
 2 susto ao ver aquela espinha enorme, imensa e  
 3 disse:  
 4 - Espelho, espelho meu! Como sou mais bonita!  
 5 - Não, minha majestade! O que tu queres? - disse  
 6 uma jovem de cabelos longos e olhos azuis que parecia  
 7 no espelho até ficar clara e se inclinava com a  
 8 imagem da rainha.  
 9 - Você não mentindo depois para a mim. Seja  
 10 sincera. Há mulher mais bonita do que eu?  
 11 A jovem do homem suspirou e disse:  
 12 - Sim, há a sua filha, no jardim, mas  
 13 você precisa melhorar, queridinho! A beleza de Deus  
 14 não é fácil de obter.  
 15 - Meu filho, não tem ninguém com a tua beleza  
 16 no mundo, não se preocupe com a sua beleza, não se  
 17 preocupe com a tua beleza. Quem não tem a tua beleza  
 18 depois de uma cirurgia plástica que me deu um  
 19 nariz de delicado. E diga mais, olho no espelho  
 20 espelho de Deus! É para você, não é para  
 21 a tua filha, não é para a tua filha.  
 22 - Então por que não me chamam já que se acha  
 23 tão bonita? - disse a jovem.  
 24 A rainha gritou e lutou com as duas mãos  
 25 para tentar sustentar o espelho:  
 26 - Eu quero uma solução para esta espinha já! Ninguém  
 27 pode ser mais bonita do que eu!  
 28 Em um passe de mágica, o espelho desapareceu na cai-  
 29 nta e fez a espinha da rainha cair.  
 30 - Pronto, rainha majestade. És a mais bela de todas.



SOUZA, N. C. S. ;

Texto 4

1	Era uma vez dois irmãos. João e Maria. Eles eram opostos, mas
2	totalmente diferentes, João era um garoto simples, inquieto, mal educa-
3	do e mais ou menos inteligente, Maria era doce, humilde, educada e mu-
4	lto inteligente.
5	A única coisa que eles tinham de igual era gostar de ir na balada com
6	os amigos. Eles tinha muito mas muito dinheiro - Quem diria isso!
7	Uma vez ao ir a balada com os amigos, algo de estranho aconteceu. De
8	nada, no meio da festa toda as luzes se apagaram e acenderam mais
9	uma. Mas algo estava errado, João não estava lá. Era até bom por
10	que ele era muito chato! - todos ficaram preocupados e aflitos.
11	Só sei que procuraram o danado em todos lugares: barbearia, loja, igreja
12	etc e muitos outros lugares, mas onde estava João? Chamaram a polícia
13	e descobriram o que aconteceu. Foi uma das únicas vezes que Maria se
14	preocupou com o irmão, pois sabia de seus vícios.
15	Até que resolveram ligar para uma agência de emprego, chamaram, até que
16	se atender. Maria falou com João, e ele lhe contou que teve que sair de
17	quinta, pois era muito. E Maria contou algo que chocou a todos, João
18	estava namorando!
19	E todos ficaram surtos, que ele era meio afimado. Adivinha quem era
20	o amor da vida dele?! Chapeuzinho Vermelho. Também da pra acreditar
21	aquela gostava de todos mundo!
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	



## Cinderela funkera

1	Cinderela funkera, ou melhor Janice de Amorim
2	era uma garota rica, mas que não gostava de música
3	clássica e homens de terno, e sim de funk e homens
4	da favela.
5	Janice foi apelidada de Cinderela funkera
6	pois embora que um garoto da favela, lhe desse um sa-
7	patinho de cristal, por isso "cinderela", já de funkera pois
8	adorava funk.
9	A garota não era orgulho dos pais, mas sim
10	a alma meiga da família, pois o pai sempre achou
11	que ela deveria gostar de música clássica e homens de
12	terno, mas ela não gostava daquilo e dizia que ele
13	tinha que aceita-la como era.
14	Um dia, Cinderela, foi até ao baile funk, lá ele
15	encontrou um garoto da favela que ofereceu um sapatinho
16	de cristal. Janice embora, com aquele momento, então é
17	claro que aceitou, assim se apaixonou pelo rapaz.
18	Ela pegou o número do garoto, que se chamava
19	Razi e começou a sair com ele, O pai da garota não gostou
20	nada da situação, assim a jogando para fora de casa.
21	Janice resolveu pedir a Razi para morarem juntos, ele
22	aceitou e logo depois os dois se casaram.
23	Após vinte anos do casamento o pai de Janice
24	foi até ela se desculpar, assim eles voltaram a convi-
25	ver e se entender, Janice e Razi tiveram três filhos e
26	viveram felizes para sempre.
27	
28	
29	
30	